
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ARLEY FRANCISCO SIQUEIRA NICOLAU

**NAS ONDAS DA CIDADE: UM ESTUDO SOBRE O
CORPO E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA
PRÁTICA DO SKATE**

ARLEY FRANCISCO SIQUEIRA NICOLAU

NAS ONDAS DA CIDADE:
UM ESTUDO SOBRE O CORPO E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO
NA PRÁTICA DO SKATE

Orientador: Romualdo Dias

Co-orientador: Fernando Indig Bongiovanni

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Rio Claro
2010

796 Nicolau, Arley Francisco Siqueira
N599n Nas ondas da cidade : um estudo sobre o corpo e processos de
subjetivação na prática do skate / Arley Francisco Siqueira Nicolau. - Rio
Claro : [s.n.], 2010
25 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação Física) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Romualdo Dias
Co-Orientador: Fernando Indig Bongiovanni

1. Educação física. 2. História do skate. 3. Estigmatização do skatista.
4. Cultura de rua. 5. Evolução do skate. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família, minha avó Aparecida, minha irmã Aline, meu irmão André e também à pessoa mais importante da minha vida, minha MÃE, a “dona” Rosana. Sem ela eu não teria chego até aqui.

Também não posso deixar de agradecer a todos os meus amigos que me acompanharam e ainda acompanham mesmo que a distancia como é o caso do pessoal de Americana, a minha cidade natal. O Jão, Fabrício, Mini, Bianchi, Pedro (espeto boladão), Neto, Beto, Felipe, Jéf, Marquinho, Micuim, Wia, Saulo, Thiago, Tchelo, Brandão, Zé gota, Renan (Sandoval), Sparn, Vicente, Pedrinho, Stevam, Daniel, Kempes, todo mundo que, comparecia na “casa do Galego”, o próprio Galego, Natália (parceira sempre), Tássia (minha prima), Gabi, Rogerio e Saulo do tênis, o colégio Antares e especialmente ao colégio Genius, onde passei grande parte da minha vida.

Tenho que agradecer também todo mundo que fez parte da minha trajetória aqui em Rio Claro, o pessoal da república que me acolheu logo que cheguei a Unesp, a Santa Pirikita na época formada por Daniel, Santos, Netão, Breno, Thercião, Tijolo, Tsunami e Morróida (ToBe). A rep. Ratueira onde foi não só minha moradia, mas sim meu lar por 3 anos, lá convivi e aprendi muitas coisas com o Cutia, Gigante, Rafinha, Garden-All, Alex, Charlie, Chris, Pedrão e Pantcho. A rep. Catota e todos seus moradores e ex-moradores, Tiburcio, Chorão, Yuri (manicuri pedicuri), os portugas Vasco e Murenito, Baby, Porco, Soneca, Xupeta, Tuca, Lovers (O goleiro). Ao pessoal da Chacrinha que me acolheu em momentos de dificuldade, o Grilo, Preps, Xixi e Catarro. Os meus companheiros (as) da educação física, o Gê, a Tuka, o Marcão, o Cumprido, a Paulinha Xora, Renata (Valdivia), Marol, Thaisa, Amália, Gordão, Cesão, Cóóólll, o pessoal da rep. DEIC, Pilla, PC, Guizinho, Enthoni, Yamaha, Mangava. O Nakao e a Maria, que são as pessoas que moram comigo atualmente. Gostaria de agradecer também a rep. Caverna (Jaú, Capiva e Wagnão), rep. QG, rep. Pocas e Boas, rep. 3 por 1, e as meninas da Eco, Amora, Macia e Luana (parceirassas).

Não posso deixar de agradecer aos meus professores que me aturaram nesses anos, e em especial o meu orientador e amigo Romualdo. Desculpe se esqueci de alguém, mas sintam-se todos abraçados.

E por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a Deus.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
1.1. O SKATE E EU.....	7
2. A HISTÓRIA DO SKATE.....	9
3. O SKATE NO BRASIL.....	12
4. ESPORTE VS ESTIGMATIZAÇÃO.....	14
4.1. AS MODALIDADES.....	14
4.2. A ESTIGMATIZAÇÃO.....	17
5. CONCLUSÃO.....	19
6. REFERÊNCIAS.....	20

INTRODUÇÃO

Skate. O que é isso afinal? Bem, as respostas que surgiriam diante de uma indagação como esta seria as mais variadas e inusitadas possíveis.

Alguns diriam que é um esporte, outros diriam que é um brinquedo, ou um meio de transporte ou simplesmente diriam que se trata de um carrinho feito com uma tábua de madeira, dois eixos e quatro rodinhas (e mais oito rolamentos).

O mais curioso é que todas as respostas sugeridas estão corretas, pois cada ser humano é único e entende o mundo a sua volta de maneira igualmente única. Mas se formos um pouco mais a fundo e tentarmos compreender de uma maneira mais ampla esse nosso objeto de estudo, que em um primeiro contato nos parece muito simples, e na verdade não deixa de ser, veremos que o skate traz com ele uma propriedade fundamental para a vida saudável de qualquer pessoa.

A propriedade a qual me refiro é a capacidade de alterar nosso estado de consciência, nos tirar do lugar comum, é obvio que isso não é uma característica exclusiva da prática do skate, porém a sensação de liberdade e rebeldia que uma manobra concretizada com sucesso ou um simples passeio com o tal carrinho nos pés proporciona, é algo inexplicável.

Teoricamente o skate é um esporte individual e competitivo, no entanto o que podemos observar é na verdade uma eficiente ferramenta para os processos de socialização entre as pessoas, praticantes ou não.

Também é correto afirmar que “nem tudo é alegria” no mundo do skate. Em minha experiência própria com a modalidade chego a perder a conta de quantas vezes fui abordado e até rotulado como marginal ou vândalo, apenas por estar acompanhado pelo skate. Porém, posso dizer que esse tipo de preconceito nunca impediu e nunca impedirá uma pessoa que ama e admira o skate de praticá-lo, pois sempre haverá um ou mais skatistas acompanhando sua sessão.

Mas voltando ao nosso primeiro questionamento, se este fosse direcionado à minha pessoa, a resposta seria a seguinte: Só andando para entender.

O skate é uma modalidade esportiva que nasce nos anos 60, graças à criatividade e a necessidade de alguns surfistas californianos que durante um período sem ondas adequadas para a prática do surfe encontraram uma maneira alternativa de saciar o

desejo de surfar. Passaram então a deslizar no asfalto, que também passou a ser conhecido como “onda dura”.

Primeiramente esse “surfe” era realizado com o praticante sentado em uma tábua, em descida por uma rua, posteriormente os praticantes começaram a descer em pé. Essa prática recebeu o nome de “side walk surf”, e não demorou a que esses surfistas se aproveitassem da moda das calçadas do estado da Califórnia, nos Estados Unidos, que eram os “patins”, e adaptassem seus eixos com suas rodas em uma prancha, e assim foi criado o primeiro skateboard, como ficou conhecido. Vale lembrar que esses patins eram diferentes do que conhecemos hoje em dia. As suas rodas não eram dispostas em sequência seguindo uma única linha, e sim em dois eixos separados, com duas rodas na frente e outras duas atrás. Apesar do equipamento precário, o esporte conquistou logo os jovens, que se tornariam os primeiros skatistas. Em 1965 foram fabricados os primeiros skates, juntamente com a organização dos primeiros campeonatos.

Muitos skatistas afirmam que o skate não é apenas um esporte, e sim uma filosofia de vida, uma forma de se comunicar com a sociedade, uma arte, e onde muitas vezes o artista é estigmatizado. Embora o skate seja hoje um dos esportes radicais mais conhecidos do mundo, muitos de seus praticantes sofrem com certa marginalização da sociedade e muitas vezes com a falta de apoio da própria família que por sua vez desconhece o real significado de simplesmente andar de skate.

O skate está intimamente ligado á cultura das ruas. Sua prática pode ser observada em praças, calçadas e em vários outros lugares, verdadeiros paraísos para a prática do skate. A relação entre os locais e a prática esportiva levou a emergência de uma das modalidades mais conhecidas que é o “street”. E talvez seja esse um dos aspectos que culminem com um olhar pejorativo por uma grande parcela da sociedade em relação aos skatistas. Isto ocorre principalmente com os skatistas iniciantes e amadores que por qualquer outro motivo não têm acesso a um local específico para treinarem ou simplesmente deslizar sobre o seu skate. E mesmo que possuam tal condição, se o esporte em questão que foi forjado nas ruas, não seria justo ter a liberdade de transitar pelas mesmas sem correr o risco de ser taxado de vândalo?

Neste estudo pretendemos analisar não só a realidade do skatista estigmatizado, mas também da sociedade que o cerca, bem como o outro extremo, onde observamos uma ampla cobertura da mídia para alguns atletas profissionais, e seus

patrocinadores, o que também é imprescindível para o desenvolvimento do esporte como um todo.

As práticas corporais observadas entre os praticantes do skate são formas de manifestação híbrida, constituindo em um campo mesmo tempo, emerge uma prática corporal, enquanto prática de si por meio do esporte capaz de subverter a ordem da cidade, como se trouxesse o mar para as ruas e praças. Nossa pesquisa pretende desenvolver uma análise dos movimentos dos sentidos nos discurso e do movimento corporal na prática do skate. Julgamos necessário proceder a uma análise destes movimentos com o intuito compreender como se situar esta produção no seu contexto, articulando nossos estudos com as perspectivas apontadas por pesquisadores atuantes nas Ciências Políticas, na Filosofia, na Psicanálise, na Semiótica, nos Estudos da Linguagem, na Antropologia, etc.

As articulações de temas no movimento de produção desta manifestação esportiva e cultural nos desafiam para a compreensão de sua complexidade. Neste campo vasto delimitamos nosso estudo em alguns sub-temas. Primeiro, queremos identificar na manifestação cultural de adolescentes e jovens os traços daquilo que sendo chamado de cultura pós-urbana, com uma marca enfaticamente urbana. Assim, apontamos a necessidade de descobrir as referências às “práticas de si” como construção de balizas com efeitos nos processos de subjetivação dos indivíduos que encontramos por estes percursos.

O SKATE E EU

A minha estória com o skate começou efetivamente quando ganhei o meu primeiro aos 8 anos de idade, no meu aniversário.

Eu me lembro desse skate com bastante carinho, não só por ter sido o meu primeiro contato físico com um skate, mas por esse “brinquedo” ter me aberto as portas para uma prática que eu admiro muito e pretendo continuar com ela enquanto eu tiver forças.

Assim como a própria criação desse esporte, a minha trajetória como skatista, começou bem despreziosa e lúdica. E também não poderia ser diferente, pois eu era apenas uma criança, digo apenas não no sentido de menosprezar as capacidades de uma pessoa de 8 anos, mas sim para enfatizar que o foco de interesses nessa idade é bem diferente e também conta de forma bastante importante com as vivências oferecidas pela família e pelo ambiente que o cerca.

Com o passar do tempo o material do skate foi se deteriorando assim como o meu interesse pelo mesmo. Porém, passado mais um bom tempo, depois de assistir a um filme com alguns amigos, cujo um dos temas centrais era o tão falado carrinho, a vontade de andar de skate voltou com mais força, e agora eu não estava mais sozinho nessa jornada, junto comigo estavam esses dois amigos que também assistiram ao filme “Skates: Na pista da morte”.

O grande problema é que agora eu não tinha mais o meu skate, pelo menos não inteiro, e os outros meninos também não. Então surgiu a ideia de juntarmos as peças que cada um tinha e tentar montar uma espécie de skate comunitário. Eu forneci os trucks (eixos onde se encaixam as rodinhas e os rolamentos presos ao shape, este por final é a tábua de madeira que serve como base para as manobras), do meu primeiro skate que ainda estavam em condições de uso, um deles forneceu um shape antigo que era do irmão mais velho dele, e o outro trouxe rolamentos e as rodinhas que ele havia conseguido com o pai dele.

Finalmente conseguimos montar nosso skate e tínhamos o combinado de que a cada semana ele ficaria sob a responsabilidade de um de nós, e assim aconteceu por alguns meses, até que eu tive a oportunidade de comprar um skate usado só pra

mim com um dinheiro que havia economizado, pois minha mãe considerava uma “brincadeira” muito perigosa e não me ajudaria a comprar um skate.

Já nessa época transformei a tal brincadeira em meu meio de transporte oficial, indo até para a escola com o skate, e também fui aprendendo as primeiras manobras, visitando novos locais para me divertir sobre as rodinhas, pistas em cidades vizinhas e me apaixonando cada vez mais pelo esporte. Talvez nessa mesma época também por se tratar da minha adolescência, sentia uma necessidade de experimentação e o skate me trouxe muitas sensações novas, entre elas a de liberdade, que por sua vez me aguçava o senso de rebeldia, contra tudo e contra todos.

Bom, podemos dizer que “é coisa da idade”, porém vale lembrar que essa sensação de liberdade e rebeldia está intimamente ligada à cultura das ruas e, conseqüentemente, do skate.

Aos 19 anos de idade, já carregava muitas outras responsabilidades, o que me trouxe também várias vivências, inclusive com outros esportes, mas sem nunca abandonar o skate. E dessa forma eu ingressei na faculdade de Educação Física, onde meu tempo para esse esporte diminuiu consideravelmente. Contudo, descobri que teria que fazer um trabalho de conclusão de curso sobre um tema que eu me identificasse bastante, e particularmente não creio que houvesse um assunto mais pertinente já que eu gostaria de sair do lugar comum desses trabalhos.

CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DO SKATE

Nesse primeiro capítulo explicitaremos mais detalhadamente os aspectos históricos do skate desde o seu advento.

O SURGIMENTO

O Skate surgiu para o mundo no final dos anos 50, nos EUA quando surfistas californianos cansados de passar dias esperando por boas ondas colocaram rodinhas de patins em uma madeira que imitava uma prancha.

No início era chamado sidewalk surfing, ou seja, surf de calçada, e rapidamente se espalhou por todo os EUA. Em 1963 o sidewalk surfing, já praticado por um grande número de adolescentes, tinha criado identidade, com suas próprias manobras e assim ganhou seu nome definitivo: Skateboard.

Para um melhor entendimento, na língua portuguesa, a tradução de Skateboard é Skate, que em inglês significa patins. Em 1974 o Skate teve sua primeira grande evolução: o engenheiro químico e surfista Frank Nashworthy descobriu uma composição chamada uretano, material que deu origem as verdadeiras rodas de skate. Essa invenção deu ao skate um enorme impulso para que ele definitivamente se consolidasse como um esporte popular.

ANOS 60

No final dos anos 50 não havia ondas no litoral da Califórnia e surfistas pegaram alguns patins, tiraram as rodas e eixos e montaram num pedaço de madeira que imitava a prancha de Surf.

A moda pegou e no início da década de 60 aconteceu o primeiro estouro do Skate como novo esporte, o primeiro skate a ser comercializado foi o Roller Derby. O primeiro campeonato de Skate, aconteceu em Hermosa Beach, Califórnia, em 1963, vencido por Larry Stevenson. Depois disso, durante três anos, 50 milhões de skates foram vendidos, mas as rodas eram de ferro, e por escorregar aconteceram muitos

acidentes e a sociedade americana fez campanha para banir o novo esporte, demorou alguns meses para o skate ganhar credibilidade.

O Skate na década de 60 era completamente ligado ao Surf e influenciado por ele. Uma extensão da praia no asfalto foi neste momento que nasceu o skate vertical, um projeto diferente de piscina com transição, durante a grande seca na Califórnia as piscinas foram esvaziadas e os surfistas/skatistas descobriram que dava para se divertir andando de skate nas paredes, que lembravam as transições das ondas de surf.

ANOS 70

A primeira evolução foi a invenção da inclinação no tail inventado por Larry Stevenson para melhorar o equilíbrio e as manobras. Porém o grande acontecimento da década foi a invenção da roda de poliuretano em 1974 (antes as rodas eram feitas de ferro e mais tarde de baquelite, um tipo de plástico duro), o Uretano revolucionou o Skate.

Nesta época o Skate criou identidade própria se ligando mais a anti-cultura que nascia na época, a new wave e o punk. Tornou-se um esporte rebelde. Outro "boom" aconteceu criando o início do Skate moderno, com as modalidades, Slalom, Downhill, Freestyle e Vertical.

ANOS 80

O Skate na década de 80 foi caracterizado por uma explosão de rampas de madeira feitas pelos próprios skatistas em ruas, praças e quintais de casa. Era a cultura do faça você mesmo. Nessa o Street começou a ser praticado em terrenos até então virgens para o Skate, com as manobras em corrimão, paredes e escadas.

A criação de tecnologia para os equipamentos e inovações no período fazia com que os equipamentos de Skate mudassem muito em pouco tempo.

Os anos 80 foram caracterizados pela mistura da influência do Punk que lentamente foi substituída pela cultura urbana, com ênfase no Hip Hop. No final da década as calçadas largas eram o ápice e o Street começou a dominar o Skate com a queda do Vertical. Foi criada a teoria do "ciclo dos 10 anos".

ANOS 90

Nesta década o Skate tomou seu rumo atual na direção do profissionalismo do esporte. Os equipamentos melhores e mais leves davam suporte a um Skate mais técnico com manobras grandes e poderosas.

Existia uma fome de reconhecimento nos skatistas.

E foi nesse contexto histórico que o nosso objeto de estudo foi forjado.

CAPÍTULO II: O SKATE NO BRASIL

Já nesse capítulo o foco principal é evidenciar brevemente a evolução do skate como esporte no contexto nacional assim como fizemos no capítulo anterior em relação a história do skate de um modo geral.

Anos 60

Skate chega ao Brasil no final da década, novidade trazida por filhos de diplomatas americanos.

Anos 70

Já no meio da década, Muitas empresas brasileiras comercializavam skates, Torlay, Benrose, Bandeirantes, Nakano, Dm, Vortex, Rk, mas no final de década de 70 , o skate decaiu...

Anos 80

Ressurgimento já em 1984 da indústria nacional. A segunda metade da década foi um período de grande desenvolvimento e evolução do Skate no Brasil e criou uma grande esperança para o futuro. O Plano Collor estragou tudo.

Anos 90

No início de 90 o skate novamente entra em decadência, Mesmo com as dificuldades econômicas do início da década, principalmente em função do Plano Collor, a década de 90 foi a década da consolidação do Skate no país; em 1995 vieram as primeiras vitórias de brasileiros em etapas do Circuito Mundial: Bob Burnquist no Canadá e Digo Menezes na Alemanha; 1996, Bob escolhido como melhor skatista do ano 1997 - Rodil Ferrugem vence os X Games no Street; no ano de 2000 Bob (Vertical) e Carlos Piolho (Street) são campeões mundiais.

Anos 2000

Nos anos de 2002 e 2004 Rodil Ferrugem sagrou-se bi-campeão mundial no Street e em 2003, 2004, 2005 e 2006 Sandro Dias é tetra-campeão mundial no Vertical

CAPITULO III: ESPORTE VS ESTIGMATIZAÇÃO

AS MODALIDADES

No presente capítulo tentaremos esclarecer como funcionam as mais variadas modalidades que compõe o skate atual, mostrar as principais manobras criadas, executadas e consolidadas pelos skatistas, e que mesmo com esse nível de profissionalismo, a sociedade ainda não aceita o skate como ele realmente é, com todas as suas nuances.

As modalidades do skate conhecidas e praticadas por todo o mundo são:

Street: modalidade mais comum praticada no Brasil baseia-se em obstáculos encontrados na rua, tais como bordas, corrimões, paredes inclinadas, saltar gaps e escadarias. Também pode ser praticado em pistas com obstáculos que simulam situações encontradas na rua.

Em campeonatos dessa modalidade o skatista tem em média um minuto para se apresentar em uma área de competição que geralmente imita elementos da arquitetura das cidades.

Freestyle: modalidade praticada no solo onde o skatista apresenta várias manobras em sequência, geralmente no chão (concreto liso) em um tempo pré-estipulado. As manobras no Freestyle são muito técnicas, sejam de wellie (equilíbrio) ou com o skate girando nos pés (manobras rolantes).

High Jump: o skatista salta passando por cima do obstáculo (geralmente uma vara de marcação).

Slalon: modalidade que utiliza um skate mais estreito e menor. O skatista faz zigue-zague entre cones em um determinado circuito sendo o mais rápido não podendo derrubar os obstáculos.

Big Air: é a mais recente modalidade de skate criada. O skatista desce de uma rampa em alta velocidade, realiza uma manobra e desce em outra rampa.

Overall: é um termo utilizado onde skatistas praticam mais que três modalidades no skate.

Mountainboard: modalidade que usa um skate diferente que o convencional, adaptado para ser utilizado em qualquer tipo de terreno, principalmente para andar na terra e grama bem como descer barrancos.

Os skates têm mais de 40 polegadas, eixos mais largos e rodas grandes em formato de pneu.

Fingerboard (Skate de dedo): conhecido internacionalmente como Fingerboard. Uma réplica do skate com 10 centímetros de comprimento. O Fingerboard foi inventado nos Estados Unidos no final dos anos 80, por skatistas da terra do Tio Sam.

É formado de shape, roda, truck, lixa e parafusos, tudo em miniatura do tamanho de um chaveiro, com todos os itens de um skate normal, capaz até de trocar rodas, shapes e trucks.

MODALIDADES DO DOWNHILL (MONTANHA ABAIXO)

Downhill que dizer montanha abaixo. Sempre equipados de capacete e equipamentos de segurança o skatista desce ladeiras íngremes. Existem ladeiras em que os atletas atingem mais de 110 km/h

O skate downhill pode ser dividido em outras modalidades como:

Stand Up: consiste em descer uma ladeira com os pés posicionados sobre a lixa, no menor tempo possível, usando técnicas de curvas e aerodinâmica. Além disso, o stand up deve ser praticado sempre com equipamentos adequados como: skates velozes, capacetes fechados e macacões de couro semelhante aos usados em motovelocidade.

Slide: descida em ladeiras com manobras de slide (derrapadas) No downhill slide é necessário o uso de rodas mais duras e escorregadias, além de joelheiras e luvas com nytai colados na palma da mão.

Longboard: esta modalidade utiliza shapes de tamanhos acima do convencional. Seus tamanhos vão de 36 polegadas até 50 polegadas ou mais. Consiste em descer ladeiras com manobras de slide (derrapadas) e também fazendo estilos e trocas de pés. O skate downhill longboard lembra um pouco o surf.

Boardercross: descer a ladeira passando por cones, rampas, wallrides, bumps, etc. Dois atletas descem juntos e quem chegar primeiro leva a bateria.

MODALIDADES DO SKATE VERTICAL

O Skate Vertical é praticado em pistas com curvas (transições), com 3,40 de altura ou mais sendo de madeira ou concreto, pode ser dividido em várias modalidades como: Half Pipe: é praticado em rampas de 4 metros de altura em formato de "U". As manobras podem ser de aéreas, onde o skatista realiza um vôo e retorna na própria pista ou pode ser de borda onde se desliza por cima de uma borda metálica.

Big Air: modalidade criada por Danny Way que foi adotada e atualmente é a principal competição dos X-Games. Colocando modalidades que também refletem parte do que os skatistas querem mostrar para o mundo, como o fim das disputas do "skate park" e mostrar disputas de "street skate", em obstáculos que verdadeiramente reproduzem o que os skatistas de street fazem.

Bowl: consiste em uma pista em formato de piscina, geralmente acima de 3 metros de profundidade e termina em parede de 90°, onde o skatista concentra velocidade aliado às manobras.

Mini Ramp: é praticado em rampas de até 2 metros de altura. Nessa versão menor do skate Half Pipe, as manobras podem ser de aéreas, onde o skatista realiza vôos mais baixos do que no half. Vale lembrar que a maioria das manobras é de borda. São excelentes para se aprender manobras, principalmente as que utilizam bordas, onde o eixo ou as rodas permanecem em contato com o coping (detalhe de acabamento feito por um cano, inspirado nas piscinas americanas de fundo de quintal).

Essas pistas são facilmente construídas. O risco de se machucar em uma manobra é bem pequeno e é uma prática necessária para a evolução de qualquer skatista.

Banks: tem formato de piscina, com o fundo mais raso do que o bowl e não chega a ter 90° nas bordas. O skatista se concentra em linhas de velocidade e de manobras corridas de borda, se a pista tiver cotovelo, também se aplicam manobras de skate aéreo.

No Brasil foi bastante popular no meio dos anos 80 e recentemente voltou ao auge com a construção de dezenas destas pistas.

Pool Riding: é tida como uma das modalidades mais loucas de skate, pois é praticado em piscinas vazias de fundo de quintal, que com suas paredes arredondadas são verdadeiras pistas de skate.

Na realidade as pistas de skate em forma de Bowl (bacia) são inspiradas nas piscinas, que tinham a transição redonda: azulejos e coping. O fundo redondo das

piscinas americanas é para o caso de a água congelar as paredes não arrebentarem, pois nesse caso o gelo se deslocaria para cima, não fazendo pressão nas paredes.

Na década de 70, alguns skatistas da Califórnia, mais precisamente de Santa Mônica, se aventuraram a andar em piscinas vazias, e assim foi criado o Pool Riding que atualmente é uma modalidade underground praticada por alguns skatistas que gostam de transições rápidas.

A ESTIGMATIZAÇÃO

Mesmo se tratando de um dos esportes ditos radicais mais populares do mundo, ainda sim seus praticantes são vítimas de algum tipo de estigmatização.

O fato dos skatistas terem sua imagem vinculada quase sempre a figuras marginalizadas da sociedade deve-se, em grande parte, à cultura de rua, a qual está ligada até as entranhas da prática do skate desde o seu surgimento bem como a cultura punk e a de outras tribos urbanas que por sua vez também foram mantidas à margem de nossa sociedade.

A mídia moderna tem um papel fundamental na consolidação da imagem do skatista em todo o mundo, pois é juntamente com a família de cada indivíduo e com a escola, um dos principais formadores de opinião pública da nossa sociedade.

É também por essa intervenção midiática que muitos jovens e adolescentes descobrem e passam a entender a prática do skate, moldando suas práticas corporais quase que exclusivamente em conformidade com os interesses de marcas e patrocinadores que alimentam além do skate; a própria mídia, e isso acontece sem tomarmos conhecimento desse fenômeno na maioria das vezes.

Porém é importante ressaltar que tudo isso se passa congruentemente com a experimentação cotidiana do indivíduo com a prática do skate.

Outro episódio que pode ilustrar bem a estigmatização a qual tanto me refiro ocorreu no final dos anos 80, quando foi decretada a lei nº 25871 de 06/05/1988, que proibia o skate, patinetes e bicicletas nos parques e praças da cidade de São Paulo, entre eles o parque do Ibirapuera.

E agora mais de 20 anos depois, um vereador da mesma cidade enviou para a câmara um projeto de lei que proibia o skate nas calçadas da capital do nosso estado, alegando que os pedestres se sentiam incomodados, principalmente na

Avenida Paulista. Felizmente, para todos os skatistas, o bom senso imperou e o tal projeto foi arquivado.

Talvez esse arquivamento juntamente com alguns acontecimentos, como o fato de o atual campeão dos X-Games no skate ser um brasileiro de 15 anos de idade, mostre que o entendimento a respeito da imagem que o skatistas compartilham está mudando, e esse é apenas um exemplo, mas já considero um avanço significativo, tendo em vista o contexto histórico-cultural que se deu o nascimento desse esporte e levando em conta as minhas próprias vivências com o skate e a observação das experiências de amigos meus que também eram adeptos dessa prática e por sua vez também sofriam com a marginalização imposta pela sociedade.

Como já mencionei anteriormente, a mídia é muito poderosa quando se trata de influenciar mentes em formação, como as dos jovens e adolescentes, e o papel que ela tem assumido dando cada vez mais espaço para os eventos relacionados ao skate, me parece benéfico para a evolução do skate não só como esporte, mas também como meio de intervenção urbana e como prática corporal implícita em um estilo de vida, porém, sem deixar de lado os aspectos da cultura de rua que nunca abandonou o skate, tampouco skatistas.

Conclusão

Acredito que antes mesmo de ser um atleta ou um desportista, todo skatista é acima de tudo um artista e como tal é merecedor da liberdade de se expressar através do conjunto formado pelo skate que o acompanha, pelo ambiente que o cerca (quase sempre uma selva de pedras que chamamos de cidade) e também como não poderia deixar de ser, o seu proprio corpo.

É de extrema importancia para o skate de modo geral para todas as práticas esportivas que sofrem com a estigmatização, assim como para toda a sociedade, que mantenhamos a nossa mente aberta e livre de qualquer tipo de preconceitos e pré-julgamentos. O skate, tanto como esporte, lazer, meio de transporte ou como estilo de vida, no sentido mais amplo dessa expressão, é uma realidade, e tem crescido a cada dia que passa, e justamente por isso deve ser respeitado e receber apoio por parte das autoridades e da família dos skatistas, e não repressão.

Por outro lado, pensando na manutenção do “espírito skatista”, que é sim, repleto de rebeldia, devemos considerar a essência dessa prática desde a sua criação, e não esquecer que como um esporte radical, ele vem justamente de encontro com o formato e a filosofia de outros esportes mais tradicionais, ou seja, mesmo possuindo organizações que cuidam da proliferação do skate no Brasil e no mundo através de divulgação e da organização de competições, o skate consegue se manter “selvagem” entre os seus reais e fiéis praticantes.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena, **Cenas juvenis: Punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMOVAY, M. et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Unb, 1987.
- BALANDIER, G. **O contorno: poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BARCELOS, Tânia Maia. Re-quebros da subjetividade e o poder transformador do samba. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUC – SP, 2006.**
- BARTUCCI, Giovanna. (Org.). **Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- BERGSON, Henri. Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.**
- BERGSON, Henri. O pensamento e o movente. São Paulo: Martins Fontes, 2006.**
- BIRMAN, Joel. **Entre cuidado e saber de si**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BIRMAN, Joel. **Por uma estilística da existência**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- BRITTO, Eduardo (Editor). **A onda dura: três décadas de skate no Brasil**. São Paulo: Editora Parada Inglesa, 2000.
- CAIAFA, Janice. **Nosso século XXI: notas sobre arte, técnica e poderes**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.c.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPELO, Cleide Riva. **Cal(e)idoscorpos: um estudo semiótico do corpo e seus códigos**. São Paulo: Annablume, 1996.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.
- CARANDEL, José M. **A contestação juvenil**. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

- CARMO, Paulo Sérgio do. **Cultura da rebeldia: a juventude em questão.**São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** Campinas: Papirus, 1995.
- COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura. Corpo e consumismo na moral do espetáculo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica.** São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DEPRAZ, N., VARELA, F. e VERMERSCH, P. (2003) **On becoming aware. a pragmatic of experiencing.** Philadelphia-Amsterdam: Benjamin Publishing.
- DREIFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FERRY, Luc. **Homo aestheticus: a invenção do gosto na era democrática.** São Paulo: Ensaio, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos.** Vols. I, II, III, IV e V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008
- FREUD, S. (1930 [1929]) O Mal-Estar na Civilização. In: **Obras Completas.** V. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FRIDMAN, Luis Carlos. **Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- GADET, Fraçoise e HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso.** Campinas: Editora Pontes, 1990.
- GIL, José. **Metamorfoses do corpo.** Lisboa: Relógio D'Água, 1980.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos interdisciplinares.** São Paulo: Anablume, 2005.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto.** Campinas: Papirus, 1998.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HUSSERL, Edmund. **La philosophie comme science rigoureuse.** PUF, 1989.

- KASTRUP, V. (2005) Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educação e Sociedade** v. 26, n. 93, set./dez, pp.1273-1288.
- KASTRUP, V. Cartografias liberarias. In: KASTRUP, Virgínia. TEDESCO, Sílvia, PASSOS, Eduardo. **Políticas de cognição**. Porto Alegre: Sulina, p. 267-295, 2008.
- KOCHMAN, Thomas (Org.). **Rappin' and stylin' out, Urbana**, University of Illinois Press, 1972.
- KRISTEVA, J. **As novas doenças da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus Editorial 1978
- LATOUR, Bruno. "How to talk about the body? The normative dimension of science studies". Special issue edited by Madeleine Akrich and Marc Berg, 'Bodies on Trial' Marc Berg and Madeleine Akrich, special issue of **Body and Society Vol . 10, number 2/3 pp. 205-229 (2004)**.
- LECHNER, N. **Los patios interiores de la democracia: subjetividad y política**. Chile: Fondo de Cultura Economica, 1990.
- LÉVY, Pierre. **A conexão planetária**. São Paulo: Editora 34, 2001.
- LEWKOWICZ, I. CANTARALLI, M. Grupo Doce. **Del fragmento a la situación**. Buenos Aires: Altamira, 2003.
- LINS, Daniel (Org.). **Cultura e subjetividade**. Campinas: Papirus, 1997.
- LINS, Daniel (Org.). **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo?** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002
- LINS, Daniel (Org.). **O que pode o corpo?** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002 (No prelo).
- LIPOVETSKY, Gille. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MAIGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas; Pontes/Unicamp, 1989.
- MARCUSE, Herbert. **Cultura e sociedade**. Vols. I e II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MARCUSE, Herbert. **Eros & civilização**. Guanabara Koogan.

- MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco (1984). **A árvore do conhecimento - As bases biológicas do conhecimento humano**. Campinas: Ed. Psy, 1995. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2004
- MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- MEIER, Christian. **Política e graça**. Brasília: Editora da UNB, 1997.
- MERLEAU-PONTY, M. (1999). **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- MORAES, Eliane Robert. **O corpo impossível**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo. Como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ONFRAY, Michel. **A escultura de si**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- ONFRAY, Michel. **A política do rebelde. Tratado de resistência e insubmissão**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Editora Pontes, 1996.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Editora Pontes, 1999.
- ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora UNICAMP, 1988.
- PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio. Políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- PELBART, Peter Pál. **Vida capital: ensaios de biopolítica** São Paulo: Iluminuras, 2003.
- RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

ROLNIK, Suely,. “À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia”. In MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). **Na sombra da cidade**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

ROLNIK, Suely. "Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico". Cadernos de Subjetividade, S. Paulo, set. fev. 1993, pp. 241-251.

ROSSET, Clément. **Alegria: a força maior**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). **Políticas do corpo. Elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

SENNET, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico. Corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SIBILIA, Paula. **O show do eu. A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, Tânia Conceição Clemente de. “A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação.” In Rua, Campinas, 7:65-94, 2001.

TIBON-CORNILLOT , Michel. **Os corpos transfigurados**. Lisboa: Instituto Piaget, s.d.

VERMERSCH, P. (2002a) La prise en compte de la dynamique attentionnelle: éléments théoriques. **Expliciter**, 43, pp.27-39.

VILLAÇA, Nízia e GOES, Fred. (Orgs.). **Na fronteiras do contemporâneo: território, identidade, arte, moda, corpo e mídia**.

WARESQUIEL, Emmanuel. **Le siècle rebelle: dictionnaire de la contestation ao XXe. Siècle**. Paris: Larousse, 1999.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

BRITTO, Eduardo. **A onda dura: 3 décadas de skate no Brasil**. São Paulo: Parada Inglesa NPL, 2000.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE. Página inicial. São Paulo, [200?].Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/pags/dados.htm>>. Acesso em: 15 de set. de 2010.

Arley Francisco Siqueira Nicolau
Orientando

Prof. Dr. Romualdo Dias
Orientador

Prof. Fernando Indig Bongiovanni
Co-orientador